

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: O PROJETO “EMPOWER STUDENTS WITH ENTREPRENEURIAL SKILLS”

Sandra Ferrão Lopes ¹

1) Agrupamento de Escolas de Seia, Portugal

ferrao.sandra@gmail.com

Resumo

Empower students with entrepreneurial skills é um projeto financiado pela Agência Nacional sob o programa Erasmus+, na Acção 2 – Cooperação para a Inovação e Intercâmbio de Boas Práticas. No âmbito da educação para o empreendedorismo, o presente trabalho pretende dar conhecer as motivações, o desenho e alguns resultados preliminares deste projecto internacional, na análise do seu primeiro ano de implementação. A metodologia adotada é estudo de caso por assumir um carácter interpretativo das múltiplas experiências que decorreram ao longo do ano com os alunos. Procuramos dar resposta àquilo que é a nossa principal questão de investigação, qual o impacte do projecto na construção do perfil empreendedor dos alunos. Deste modo, os resultados obtidos por diferentes instrumentos referenciados pelas técnicas de inquérito e análise de conteúdo sugerem-nos que os alunos envolvidos no projeto ampliaram competências não só no domínio da literacia digital, colaboração e comunicação como também no desenvolvimento de competências para o empreendedorismo.

Palavras chave: educação, empreendedorismo.

1. Introdução

Na União Europeia o desemprego jovem continua a ser um problema (European Commission, 2013), mesmo depois da recuperação das taxas de empregabilidade no biénio 2013-2015 (de 23,7% para 20%), mas que, ainda assim, continuam superiores às que se registaram em 2008 (15,6%). Em Portugal, e segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, este problema é tanto mais acentuado quando nos referimos à faixa etária dos 15 aos 19 anos e dos 20 aos 24 anos com taxas de 38,2% e 26,1%, respectivamente. Paralelamente, a maior parte destes jovens olham a educação sem interesse não reconhecendo qualquer utilidade para as suas vidas, pelo que na opinião de Azevedo (2016)“ origina taxas de retenção e desistência acima do que seria desejável, numa escolarização cujo regime de frequência é compulsivo até aos 18 anos” (pp. 1453-1469). Por outro lado Coimbra e Fontes (2005) defendem que a escola deve ser facilitadora da transição para a vida ativa, desenvolvendo competências de empreendimento, inovação e de autonomia através de um projecto educativo que fomente e valorize a criatividade, proactividade e cooperação com a comunidade.

Neste contexto, e porque a escola envolvida no projeto que aqui apresentamos está implantada numa região interior, continuamente sujeita à despovoação, recentemente agravada pela crise económica, decidimos por isso, conscientes do nosso papel enquanto professores e como tal, agentes privilegiados da educação e formação dos jovens da nossa região (European Commission, 2011; Comissão Europeia, 2014), desenvolver um projecto de natureza pedagógica com enfoque

na educação em empreendedorismo que respondesse de forma estruturante às reais necessidades dos alunos para a construção de opções profissionais reais e sustentáveis (European Commission, 2015).

Neste sentido, o projecto de nome "*Empower students with entrepreneurial skills*" tem por finalidade desenvolver contextos autênticos de inovação, experimentação e de cooperação que produzam aprendizagens com significado aportadas numa cultura de parceria entre 6 países: Portugal (coord.), Itália, Inglaterra, Roménia, Polónia e Finlândia.

O projecto beneficiou da aprovação financeira por parte da Comissão Europeia sob o programa Erasmus+, na Acção 2 – Cooperação para a Inovação e Intercâmbio de Boas Práticas. Os trabalhos do projecto desenvolver-se-ão ao longo de 36 meses, desde 1 de Setembro de 2015 a 31 de agosto de 2018.

2. Enquadramento Concetual

Entendendo que as definições são particularmente importantes para o estabelecimento das linhas orientadoras dos estudos, compreendemos que no debate conceptual integracionista de empreendedorismo (Gaspar, 2008; Sorensen & Chang, 2006) a perspectiva educacional tem vindo a assumir-se como área privilegiada para a génese do desenvolvimento e capacitação dos alunos em competências empreendedoras. Neste contexto, a educação para o empreendedorismo deve ser entendida como experiência prática, não só, mobilizadora de saberes escolares nucleares, como também, oportunidade para o desenvolvimento de competências analíticas e críticas, comunicacionais e de liderança (Comissão Europeia, 2014). Do nosso ponto de vista pretendemos dar especial atenção ao desenvolvimento de competências transversais tais como pensamento crítico, criatividade, inovação, tomada de decisão, resolução de problemas, trabalho colaborativo e naturalmente competências digitais, como de resto o trabalho à distância exige.

A maioria dos estudos empíricos mostra que o empreendedorismo, ou melhor, as capacidades subjacentes a ele, podem ser ensinadas, e que por isso, a educação poderá ser o instrumento privilegiado para a aquisição de atitudes, intenções e competências empreendedoras (Martin, McNally & Kay 2013, citado por Karimi et al., 2016), tal como Mendes (2007) refere “deve permitir a aquisição de competências transversais, susceptíveis de serem aplicadas a outras circunstâncias, nomeadamente, cultura, autonomia e, em última instância, *empowerment*, através do desenvolvimento de capacidades para proveito próprio e da comunidade” (p. 289)

Contudo, não há evidências consistentes na literatura de referência para aceitar que um programa, curso ou modelo desenhado seja eficaz para um qualquer aluno se tornar empreendedor (e.g. Athayde 2009, Von Graevenitz, Harhoff & Weber 2010, citados por Karimi et al., 2016). Não obstante, também se afigura que o currículo português desenhado para o percurso escolar obrigatório de 12 anos, seja ele de qualquer área, por si só, não cria oportunidades para o desenvolvimento de competências empreendedoras, nem tão pouco explora possibilidades de atitude e intenção de um futuro cidadão empreendedor.

Toda esta problemática coloca-nos na análise de Harris & Gibson (2008) de que a melhor forma de aprender a ser empreendedor é sê-lo na perspectiva de *long life learn*, ou seja, combinar aprendizagens formais com aprendizagens não formais e aprendizagens informais. Nesta lógica, vemos a educação para o empreendedorismo como um olhar atento (às situações) do presente para a criação de futuras respostas à contínua transformação da sociedade e das suas exigências, na qual, a escolaridade obrigatória poderá ser a primeira incubadora de inovação, desde o ensino básico até ao ensino secundário.

3. Questão de investigação e Objetivos

A nossa questão de investigação centra-se na avaliação do impacto do projecto na construção do perfil empreendedor dos alunos. Neste sentido foram estabelecidos os seguintes objetivos para o projeto:

- (i) Compreensão do património cultural e geográfico da região;
- (ii) Conhecimento das características dos produtos endógenos catalisados pelo ambiente local;
- (iii) Estabelecimento de parcerias com associações industriais, comerciais e artesanais;
- (iv) Desenvolvimento de novas ideias sobre as possibilidades regionais como potenciadoras de empresas e auto-emprego.

No quadro da educação para o empreendedorismo, orientámos a meta da nossa acção, para a possibilidade de criação de empresas ou auto-emprego (Lee & Wong, 2005), e o desenvolvimento do projeto com enfoque na procura de uma maior atitude empreendedora por parte dos alunos na análise das potencialidades de produtos endógenos, nichos de mercado ou até mesmo transferência de ideias entre países.

4. Metodologia

Para o projecto, de uma forma global, estabelecemos uma metodologia de Investigação-Ação (IA), sendo que, e segundo Coutinho et al. (2009), este quadro permite-nos simultaneamente acção (trabalhar no sentido da mudança) e investigação (trabalhar no sentido da compreensão) com base em um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica, e em que nos ciclos posteriores são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência (conhecimento) obtida no ciclo anterior. Neste contexto, o projeto contempla três ciclos de acção, onde cada ciclo está estritamente relacionado com o trabalho de cada ano letivo. Uma vez que o projecto ainda se encontra em desenvolvimento, este artigo apenas se circunscreve ao trabalho do primeiro ciclo, entendendo-o como estudo de caso, sob uma perspectiva interpretativa que pretende compreender, interpretar as experiências vividas pelos alunos (Bodgan & Bilken, 2004; Stake, 2012), reconstruindo e estabelecendo significados para a intencionalidade pedagógica deste projeto.

Para garantir um maior conhecimento dos ganhos entre as concepções iniciais dos alunos e as suas intenções futuras como empreendedores optou-se por duas técnicas (inquérito e análise documental) incidentes nos instrumentos dos quais fazem parte questionários e registos online que dão corpo à comunidade de aprendizagem “hospedada” na plataforma *eTwinning*. Estes registos, organizados por páginas temáticas no *eTwinning*, reportam-se a entrevistas (individuais ou de grupo), reflexões individuais, mapas conceptuais, vídeos, entre outros trabalhos, desenvolvidos pelos alunos em workshops, sessões de trabalho na escola, intercâmbios internacionais e visitas a centros de estudos, empresas locais e a diferentes unidades industriais regionais.

No estudo a que se refere este artigo estiveram envolvidos 82 alunos de seis nacionalidades diferentes (Portugal, Itália, Roménia, Polónia, Inglaterra e Finlândia), sendo predominante a faixa etária dos 15 aos 17 anos. O primeiro questionário (inicial) foi aplicado no final de dezembro de 2015, o segundo questionário (intermédio) foi aplicado em outubro de 2016 e todos os outros registos complementares ao estudo estão alojados na comunidade de aprendizagem *eTwinning* e reportam até à data de dezembro de 2016.

O questionário inicial, é composto por seis módulos dos quais, para além da caracterização da amostra, segue, na sua generalidade, os temas do modelo apresentado por Bacigalupo et al. (2016) *EntreComp conceptual model*. Em seguida descrevemos brevemente cada um dos módulos, respeitando o original desenvolvido e escrito na língua de trabalho: (i) “*Myself*” [capacidades de liderança, colaboração, organização e análise]; (ii) “*Communication skills*” [capacidades de

comunicação em grupo e argumentação/defesa de ideias]; (iii) “*Initiative and take opportunities*” [capacidade de iniciativa, rentabilizar e melhorar ideias]; (iv) “*Risks and responsibility*” [capacidades de assumir riscos e concretização de ideias]; (v) “*Entrepreneurial skills*” [capacidades de implementação/desenvolvimento de negócios/empresas] e (vi) “*Entrepreneurship intention*” [desejo de vir a ser empreendedor]. Cada tema apresenta um quadro de afirmações com as quais os respondentes se identificam numa escala de Likert de cinco níveis de 1 a 5, correspondendo, respetivamente, “totalmente em desacordo” até “totalmente de acordo”.

O questionário intermédio é composto por sete questões, duas de resposta única e as restantes de resposta múltipla semiaberta. As questões procuram saber as aprendizagens realizadas pelos alunos, quais os ganhos pessoais reconhecidos pelos alunos e qual o impacto das atividades internacionais e nacionais realizadas.

A comunidade de aprendizagem no *eTwinning*, assume-se como um repositório de mais de 70 trabalhos/atividades desenvolvidas pelos alunos neste projeto. De entre o conjunto de trabalhos, destacamos no primeiro ciclo do projeto, quatro: (1) criação de um poster “*5E’s Model in Smart, Inclusive and Sustainable Growth in Europe 2020*”; (2) desenvolvimento de um mind Map “*Me and my region*”, (3) workshop “*negotiations in business*” e (4) concepção de um plano de negócio “*business plans about one of the regional products*”.

5. Resultados

O questionário inicial, desenvolvido em seis módulos procurou estabelecer o perfil de entrada dos alunos no projecto. A análise do primeiro módulo, “*Myself*”, os resultados sumários obtidos, indicam que todos os alunos, de um modo geral, preocupam-se com o seu futuro, sendo que 50% destes reconheceram ter capacidades de liderança e poder assumir uma carreira de empreendedor, muito embora 61% considerarem-se “pró ativos”. Parâmetros como “sentido prático/pragmático”, “organização” e reconhecimento dos seus “pontos fortes/fracos” obtêm resultados inferiores a 30%.

Ao nível das capacidades de comunicação, os resultados apresentados na figura 1, indicam que cerca de 62% dos alunos identifica a sua capacidade de comunicar (em diferentes grupos) no nível 4 e o trabalho com diferentes ferramentas da Web no nível 5.

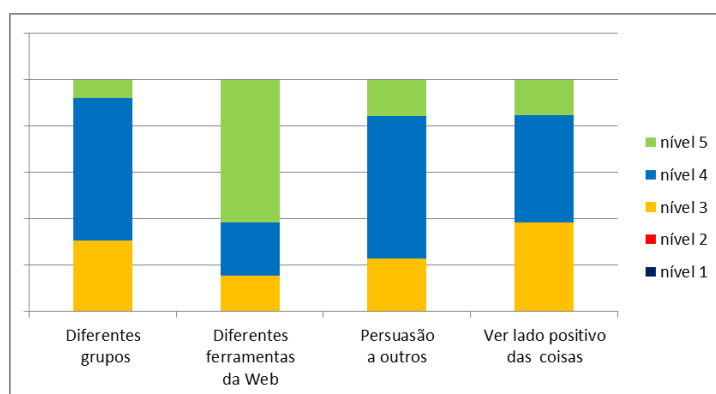


Figura 1 – Comunicação e Interação

Quanto ao grau de persuasão, 62% dos alunos identifica-se no nível 4. Já na capacidade de ver o lado positivo das coisas e de as explicar nesse sentido, os resultados expressam-se na sua maioria entre nível 4 (46%) e nível 3 (39%).

Relativamente à área da iniciativa e oportunidades, figura 2, apenas 61% dos alunos consideram-

se “self-starter” enquanto 31% não consegue avaliar esta sua competência (nível 3). Regista-se ainda que cerca de 8 % dos alunos não se considera mesmo um “self-starter” (nível 2). Quanto à capacidade “de encontrar soluções para problemas” as respostas, embora concentradas na afirmativa (70%, nível 4 e nível 5) nota-se que 23% não consegue avaliar esta capacidade ou até mesmo discordar, não reconhecendo esta capacidade (8%, nível 1).

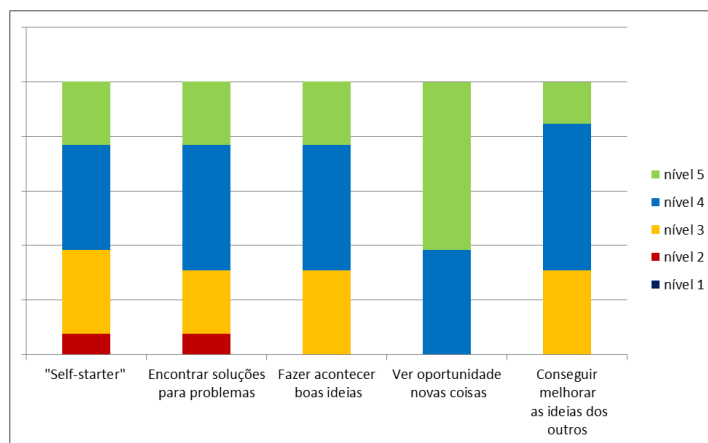


Figura 2 – Iniciativa e Oportunidades

Já na capacidade de “fazer acontecer boas ideias” as respostas foram menos dispersas, pelo que cerca de 70% dos alunos concorda (nível 4 e 5) e os restantes 30% (nível 3) não consegue ter alguma ideia sobre isso. De igual modo, na capacidade de “conseguir melhorar as ideias dos outros” cerca de 70% concorda e os restantes 30 % não sabe. Contrariamente aos resultados anteriores, a capacidade “de ver a oportunidade de novas coisas” 38% os alunos concordam (nível 4) e 62% concordam fortemente (nível 5).

Sobre o assumir riscos e sentido de responsabilidade, figura 3, os resultados apontam que 54% dos alunos escolheria por sair e abandonar o projeto em vez de enfrentar as dificuldades assim como 39% dos alunos não estaria disposto a correr riscos. Estes resultados contrapõem, de alguma forma, os resultados de 93% ao nível do “sentido de responsabilidade em completar tarefas” (nível 4 e nível 5). Também no parâmetro “experimentarem novas coisas” revelou níveis bastante positivos, com resultados de 77% no nível 4 e, 16% no nível 5.

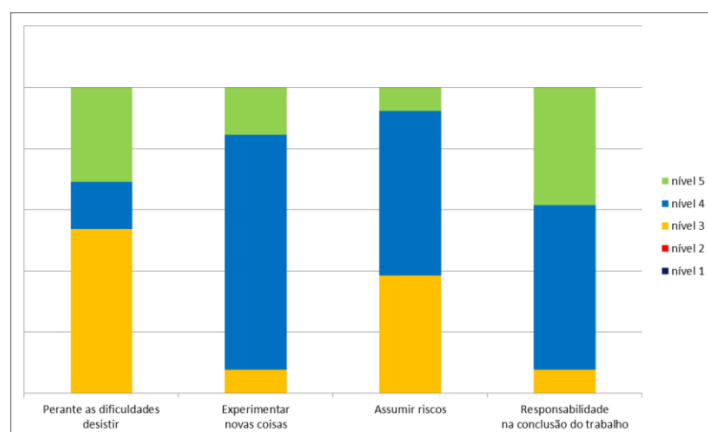


Figura 3 – Riscos e Responsabilidade

No domínio das capacidades empresariais, observa-se que pelo menos entre 20% a 45% dos alunos não sabe (nível 2 e 3) como começar um negócio/empresa, desenvolver um projeto ou um eco-negócio. Por outro lado, entre 91% a 100% dos alunos inquiridos concordam fortemente

(nível 4 e 5) que este projeto será útil para adquirir conhecimentos e capacidades na área do desenvolvimento de uma ideia negócio, equacionando até final do projeto, a possibilidade de criar um(a) pequeno(a) negócio/empresa.

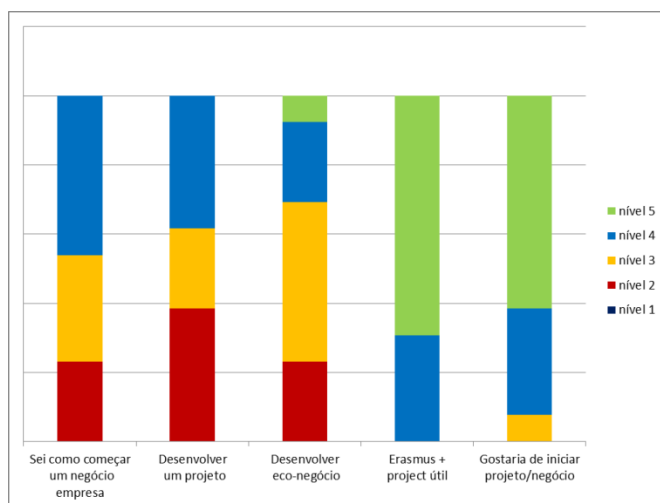


Figura 4 – Capacidades empresariais

No que diz respeito ao questionário intermédio, regista-se que 100% dos alunos aderiram ao projeto por reconhecerem uma oportunidade de conhecerem outras culturas, nomeadamente pela mobilidade a outras escolas e também pelo desenvolvimento de trabalhos e atividades comuns entre si. A par desta primeira razão, surge também a necessidade de desenvolverem competências na área do empreendedorismo, como segunda razão, a justificar para a maioria dos alunos (75%) a sua entrada para o projeto, de acordo com a figura 5.

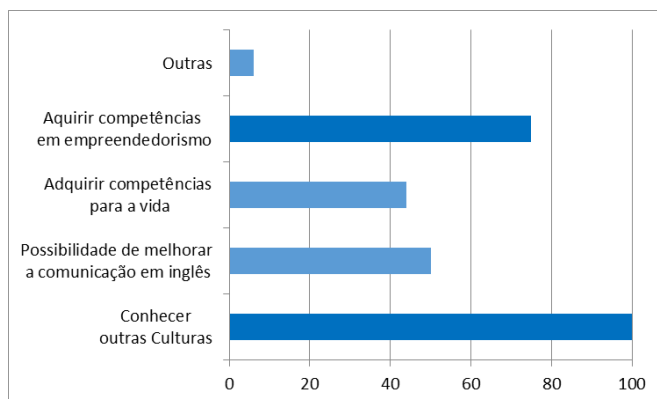


Figura 5 – Razões de adesão ao projeto

Adquirir competências para a vida e a possibilidade de melhorar a comunicação em inglês são também duas das razões indicadas pelos alunos com resultados de 50% e 44%, respectivamente.

Nos que se refere aos ganhos (dos alunos) tidos como resultado da participação no projeto (figura 6), estes, indicaram com acentuada expressividade o desenvolvimento da criatividade (81%), seguido do desenvolvimento de competências em empreendedorismo (69%) com o aumento do número de amigos na Europa (63%). Refira-se, ainda, que apenas 25% dos alunos considerou ganhos ao nível da capacidade da gestão do risco e 38% no aumento da autoconfiança e autoestima.

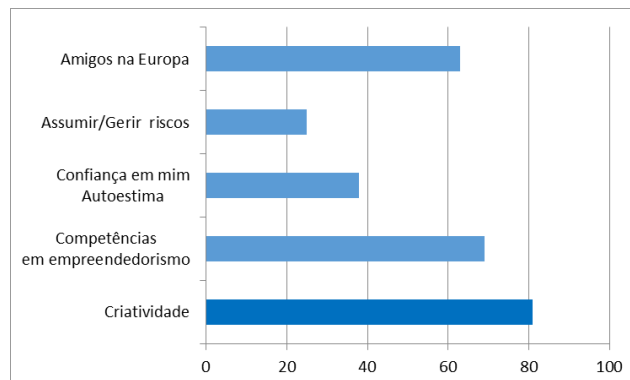


Figura 6 – Ganhos ao nível do desenvolvimento de capacidades na ampliação de competências

Já na análise dos ganhos ao nível do desenvolvimento de aprendizagens (figura 7), encontramos resultados francamente positivos naquilo que se refere ao conhecimento cultural de outros países (75%) e desenvolvimento da comunicação em inglês (56%). Num patamar mais baixo, cerca de 44% dos alunos indicaram, de igual modo, o desenvolvimento de ideias de negócio e viajar como sendo áreas onde fizeram aprendizagens e ampliaram competências. De uma forma menos expressiva, apenas 31% dos alunos reconheceu desenvolver aprendizagens pela integração num grupo de trabalho multicultural.

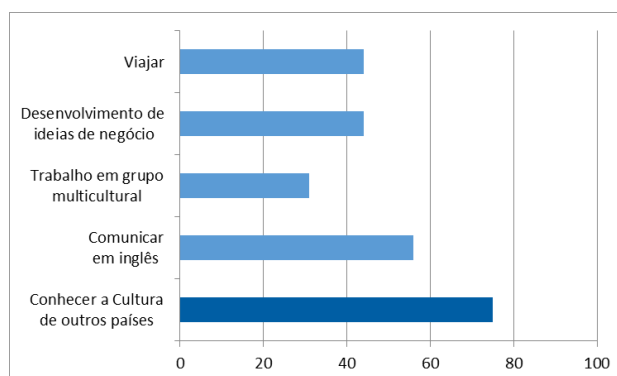


Figura 7 – Ganhos ao nível do desenvolvimento de aprendizagens na ampliação de conhecimentos

No que diz respeito à análise correlacional entre níveis de motivação com diferentes tipologias de atividades, observamos que mais de 60% dos alunos elege no nível 5 os intercâmbios, trabalho prático (por exemplo realização de vídeos e apresentações), e o trabalho de campo (entrevistas e pequenos documentários sobre a região) como sendo as atividades que mais os motiva no projeto. Muito próximo deste registo, mais de 50% dos alunos pontua no nível 4 as atividades de grupo, viagens e programas recreativos e culturais. Apenas entre 20% a 30% dos alunos regista as famílias de acolhimento e as visitas às empresas e pequenas indústrias no nível 3. Já os Workshops e formação são as atividades que para 10% a 20% dos alunos sugerem um nível mais baixo de motivação, nível 2. Registe-se que não houve nenhuma atividade enquadrada no nível 1.

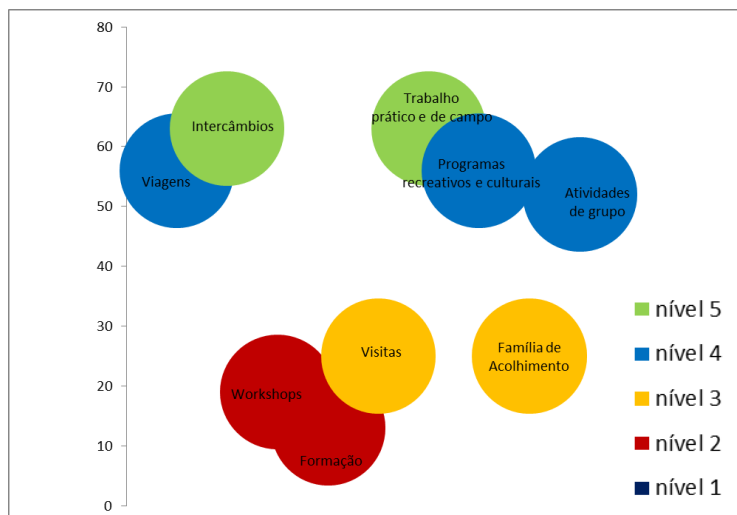


Figura 8 – Motivação versus tipologia de atividades

Ainda que não seja totalmente consistente o impacto das atividades do projeto no desenvolvimento de competências empreendedoras dos alunos, note-se que a oportunidade em desenvolver a criatividade é já uma referência na análise dos resultados, bem como o conhecimento de outras culturas da Europa e a comunicação em inglês. Tal como foi referido no enquadramento conceptual, a educação para o empreendedorismo não tem receita própria, nem tão pouco garante o sucesso para todos, contudo planeada conjuntamente com a educação formal (em nosso entender, desde o básico até ao secundário) poderá permitir aquisição de atitudes, intenções e competências empreendedoras “susceptíveis de serem aplicadas a outras circunstâncias, nomeadamente, cultura, autonomia e, em última instância, *empowerment*, através do desenvolvimento de capacidades para proveito próprio e da comunidade” retomando Mendes (2007).

Muito embora os resultados reportem ainda à fase inicial da investigação (ciclo 1 da metodologia do projeto), a análise dos dados parece também sugerir um contínuo apropriação de competências empreendedoras por parte dos alunos, asserção esta, que nos parece ser sustentada, não só, pelos ganhos dos alunos ao nível do desenvolvimento de ideias, iniciativa, planeamento, aprendizagem pela experiência a par com os níveis de motivação envolvidos nas oportunidades do intercâmbios e no trabalho prático e de campo pela valorização de ideias, mas também, nos recortes de entrevistas/testemunhos de alunos que a seguir transcrevemos:

“For us, this project was and still is very important. It helped us developing new skills, more properly entrepreneurial ones, like being more creative and thinking outside the box(...)”. (alunos Ingleses; Jan, 2016)

“In our point of view, this project really helped us in terms of what is the entrepreneurial world and what it means. We learned some negotiation techniques and what we fixed the most about creating a new business, (...), so we can provide all our strengths to our idea. Beyond that, we made a lot of friends and we got the chance to improve the English language, as well as know other cultures”. (Alunos Filandeses; May, 2016)

“(…) they were creative and interesting, we learnt how to put into practice the ideas and skills we need to have in order to become an entrepreneur, we learnt entrepreneurial strategies (...)” (alunos Portugueses; Out, 2016)

6. Considerações Finais

Não sendo um projecto desenvolvido por profissionais em educação em empreendedorismo, cremos que o valor deste projecto se encerra nessa mesma particularidade. De facto, o esforço desenvolvido pela equipa de professores e em especial da coordenadora em desenhar atividades que de alguma forma estabelecessem uma articulação entre a(s) escola(s) e o tecido

comercial/empresarial de cada região e na avaliação das potencialidades inerentes aos produtos endógenos, naquilo que se esperam constituir experiências significativas de aprendizagens, é pois, em nosso entender, a originalidade do trabalho, pois em nenhum dos casos as escolas envolvidas desenvolveram projetos nesta área. O trabalho desenvolvido nas diferentes atividades do projeto têm aportado significado, profundidade e coerência às aprendizagens dos alunos naquilo que se considera as várias competências a desenvolver em educação em empreendedorismo.

Também, nos parece relevante assinalar a metodologia do projeto de cariz educacional como área privilegiada para a génese do desenvolvimento e capacitação dos alunos em competências empreendedoras, uma vez que conjuga aprendizagens formais com aprendizagens não formais e informais centradas no reconhecimento e estudo do tecido económico-empresarial regional sob uma dinâmica em rede de diferentes contextos de outras escolas Europeias.

Espera-se com este trabalho contribuir para a inovação e partilha de boas práticas em educação em empreendedorismo, constituindo-se como um exemplo naturalista que se desenvolve segundo uma lógica de trabalho em espiral construtiva no esteio de uma abordagem multicultural e europeia.

7. Referências

- Athayde, R. (2009). Measuring Enterprise Potential in Young People. *Entrepreneurship Theory and Practice* 3(2), 481–500
- Azevedo, J. (2016). A escola injusta e a exclusão escolar não são uma fatalidade: o projecto arco maior. *Atas do XIII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação*, 1453-1469.
- Bodgan, R., Bilken, S. (2004). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora. (Trabalho original publicado em 1994).
- Bacigalupo, M., Kampylis, P., Punie, Y., Van den Brande, G. (2016). *EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework*. Luxemburgo: Publicação do Gabinete da União Europeia.
- Coimbra, J., Fontes, M. (2005). Empreendedorismo e gestão da carreira. *Formar: Revista dos Formadores*, n.º 51, Abril – Junho 05.
- Comissão Europeia (2014). *Educação para o Empreendedorismo. Guia para educadores*. Bruxelas, Bélgica.
- CNE (2015). *Estado da Educação 2014*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- CNE (2016). *Parecer sobre a organização da escola e a promoção do sucesso escolar*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Costa, T., Carvalho, L. (2012). A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social. *Revista Lusófona de Educação*, Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação (CEIEF) e Instituto de Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 19, 103-118.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação e acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2, 355-379.
- European Commission. (2011). *Entrepreneurship Education: Enabling Teachers as a Critical Success Factor. A report on Teacher Education and Training to prepare teachers for the*

- challenge of entrepreneurship*. Brussels. Belgium.
- European Commission (2013). *Education and Training in Europe 2020: Responses from the EU Member States. Eurydice Report*. Brussels: Eurydice.
- European Commission. (2015). *Entrepreneurship Education: A road to success 13 Case studies*. Brussels. Belgium.
- Gaspar, F. (2008). Fomentar o empreendedorismo através do capital de risco e da incubação de empresas: Um estudo empírico em Portugal. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão* (7)3, 71-84.
- Harris, M. L., & Gibson, S. G. (2008). Examining the Entrepreneurial Attitudes of US Business Students. *Education + Training* 50(7), 568–581.
- Karimi, S., Biemans, H., Lans, T., Chizari, M., Mulder, M. (2016). “The Impact of Entrepreneurship Education: A Study of Iranian Students’ Entrepreneurial Intentions and Opportunity Identification”. *Journal of Small Business Management*, 94, 2-23.
- Martin, B. C., McNally, J. J., Kay, M. J. (2013). “Examining the Formation of Human Capital in Entrepreneurship: A Meta-Analysis of Entrepreneurship Education Outcomes,” *Journal of Business Venturing* 28(2), 211–224.
- Mendes, A. (2007). Apontamentos sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal. *Revista portuguesa de pedagogia* 41(3), 285-298.
- Sorensen, J., Chang, P. (2006). Determinants of Successful Entrepreneurship: A Review of the Recent Literature. Disponível em <http://www.kauffman.org/> (sítio acedido a 3 de Novembro de 2016)
- Stake, R. (2012). *A arte da investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (3ª ed., 1995)
- Von Graevenitz, G., Harhoff, D., Weber, R. (2010). The Effects of Entrepreneurship Education. *Journal of Economic Behavior & Organization* 76(1), 90–112.